

Insepultos do Estado: crime continuado, permanente e sem perdão

CRIME do ESTADO CONTRA a HUMANIDADE

Rosângela Gaze

[Médica sanitária. Professora aposentada do IESC/UFRJ. Blog Multivisat.]

Lutar para que os insepultos do regime sejam julgados como Crimes do Estado, continuados, imperdoáveis e imprescritíveis, é um grande passo civilizatório. Brilhante, Fernanda Torres, sua interpretação e merecida premiação no Globo de Ouro. Enalteço a [sobriedade](#) com que nossa Brasileira recebeu a láurea: *A arte pode durar pela vida, até nos momentos difíceis, como esta incrível Eunice Paiva que eu fiz, passou. E a mesma coisa que está acontecendo agora, em um mundo com tanto medo. E este filme nos ajuda a pensar em como sobreviver em momentos duros como este.* Ao dramatizar a luta de Eunice e filhos em busca do *atestado de óbito* do marido Rubens Paiva, o filme *Ainda estou aqui* (Walter Salles, 2024) revive, metaforicamente, o assassinato e ocultação do cadáver de outras 209 pessoas que defendiam a democracia. Camponeses, operários, negros, pobres, estudantes, que lutavam por liberdade. Desaparecidos pelo Estado são de todos os gêneros, raças, classes sociais, sufciências a menos ou a mais, os que não naturalizam regimes de exceção, contra quem quer que seja, todos que se posicionem em defesa dos direitos humanos... A dúvida – estariam mortos(?), desaparecidos(?), exilados(?), inconscientes(?), loucos(?) – ferida que sangrava nos corações destas 209 famílias... E, ainda sangram, ou sangrarão por outros corpos (restos, poeiras, cinzas...) ainda não identificados... A persistência de Eunice Paiva resultou na conquista da Certidão de Óbito de Rubens Paiva, emitida 25 anos após seu desaparecimento (1996), em cumprimento à [Lei 9.140/1995](#). E *Ainda estou aqui* mobiliza a sociedade e o Estado... Após 30 anos, o Conselho Nacional de Justiça (10/12/24) aprova, por unanimidade, resolução determinando que os cartórios do país reconheçam as mortes e retifiquem as certidões substituindo a causa fraudada pela causa real das mortes: o Estado brasileiro. E o ministro Flávio Dino (Supremo Tribunal Federal) pauta a discussão para impedir a anistia a crimes "cujos efeitos ainda se consumam no presente": "crimes permanentes" ([Podcast](#) com Eugênia Gonzaga, Procuradora Regional da República e presidente da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos). **Crimes do Estado contra a Humanidade! Crimes sequenciais que, na tentativa de ocultar execuções, cometem outros crimes – ocultação dos corpos – e mais outro – falsificação de atestados de óbitos –. Este último, claro, acompanhado da falsificação de outros documentos intermediários numa cadeia de conluio que certamente envolvia civis, como médicos, de múltiplos setores da sociedade. Corriqueiro para a hipocrisia vigente... A lista de crimes continua: a recusa em assumir a responsabilidade do Estado, e, mais grave ainda, a repetição desses crimes do Estado contra os Direitos Humanos!**

Gostaria de acreditar no respeito verdadeiro à democracia dos mais de 4 milhões de espectadores que abarrotaram as salas de cinemas brasileiros (e de outros países). Sabemos, infelizmente, que grande parte da plateia buscava a melhor pose no Instagram e redes sociais mis... Outros garimpavam suas próprias identidades sociais na família Rubens Paiva. Sem se encontrarem nas telas, a cobiça criticou a contundente e delicada película que denuncia que *a mesma coisa está acontecendo agora, em um mundo com tanto medo*. Patrulhas identitárias ([veja](#) e [veja](#)) precisam ser conscientizadas do que acontece no mundo fora das bolhas. A arte nesse filme foi simbolizar uma dura realidade que ainda está presente a cada esquina... Diz respeito a cada um de nós que pode ser o próximo morto, insepulto ou não, para nossos queridos... Diz respeito a uma geração, muitos filhos de militares e de elites financeiras, que arriscaram suas vidas na resistência à ditadura cívico-militar por saberem que, longe da hipocrisia propagandeada pelo milagre econômico, havia sangue de defensores da liberdade ([Luizinho, 04/11/2019](#)). Geração que centrava ações em defesa dos trabalhadores pobres enfrentando miseráveis condições de vida, desvalorização e arrocho salarial, sem correção pela inflação, repressão política, perseguições e desmantelamento de sindicatos, [aumento estratosférico de acidentes de trabalho](#) (Vasconcellos, 2011, p.144-6), aprofundamento das desigualdades sociais, etc. Rubens Paiva, engenheiro e deputado federal, eleito em 1962 e cassado em 1964, exilou-se e retornou em 1969 para ajudar a filha de um amigo, implicada no sequestro do embaixador. Foi preso pelo regime em **20/01/1971** pelo envolvimento com Lamarca¹ (líder do sequestro e ferozmente caçado à época), torturado até a morte, tendo seu corpo enterrado e ocultado na [Casa da Morte](#), sendo desenterrado (e reenterrado diversas vezes). Vladimir Herzog, Carlos Marighella, Stuart Angel, Maurício e André Grabois, Guilherme Lund estão também entre os desaparecidos pelo regime, alguns retratados em documentários, filmes e aqui na Coluna Opinião.

Desaparecidos pelo Estado são os executados diariamente em operações policiais nas favelas, corpos 'desovados' por aí, insepultos, nas violências do Estado. Desaparecidos pelo Estado incluem socialmente excluídos por se posicionarem contrários às normas vigentes. São também os vivos alienados de suas existências por exclusão de linhas de corte de padrões de normalidade, ou excelência (?), inatingíveis. Desaparecidos pelo Estado são os indocumentados por toda a vida, sem direito à educação, à saúde, os sobreviventes, morrendo, ou sendo detidos por furto famélico. Desaparecidos pelo Estado são os expulsos do campo para as favelas, e



serem escorraçados pelo tráfico, milícias, polícia conivente e política pública ausente para se abrigarem junto a cães e ratos nas ruas das cidades... Desaparecidos pelo Estado são os que tombam na luta pela reforma agrária, eliminados por forças de segurança nos conflitos de terra...

Ao lado, versos de “[Samba do Avestruz](#)” (Gonzaguinha², 1973) censurada por “criticar as posturas socioeconômicas vigentes”. A canção foi gravada, em 1977, sob o título “[Dias de Santos e Silvas](#)”, para falar da gente trabalhadora...

Insepultos do Estado: crime continuado, permanente e sem perdão

■ ■ ■

[...] *A tarde transcorre calma e quente
Nas ruas, ao sol, fervilha gente
Batalham, como eu, o leite e o pão
Que o gato bebeu e o rato roeu
Aumenta tudo, aumenta o trem
Aumenta o aluguel e a carne também
É... mas, sei, vai melhorar
Pior que tá não dá pra ficar
Ah, meu Deus,
Se o avestruz der na cabeça
Vou ganhar dinheiro à beça,
Faço minha redenção
E vou lá dentro,
No escritório do patrão
Peço aumento, ele não dá,
Mostro a grana e a demissão [...]*

Referência: Brasil. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. [Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos](#). *Direito à verdade e à memória: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

Outras fontes consultadas: [Lista de Mortos e Desaparecidos da ditadura militar brasileira](#) // [Ossada de sindicalista morto pela ditadura é identificada após 47 anos](#) // [Os ossos que a ditadura não conseguiu enterrar](#) // Memórias reveladas. [Documento de censura do “Samba do Avestruz”](#). 22/03/1973.

Nota: 1. [Carlos Lamarca](#) era filho de descendentes italianos (carpinteiro e dona de casa), com sete irmãos, que viviam no Morro de São de Carlos (Estácio/RJ). Desertou do Exército (Capitão) em 1969 e comandou a [Vanguarda Popular Revolucionária](#). O sequestro visava em troca a libertação de 70 presos políticos. Foi morto 1971. // 2. Gonzaguinha (1945-1991), morador do Morro de São Carlos, teve 54 canções censuradas.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.